

Instituto Camões

**PROJECTO: “A PRESENÇA PORTUGUESA NA REGIÃO PLATINA”**

**“Território e Povoamento”**

***Do Fado ao Tango.  
A emigração ‘invisível’ dos portugueses na região platina***

**Beatriz Padilla – ISCTE/CIES**

**Colónia de Sacramento, Uruguai, Março 2004**

Esta comunicação insere-se na fase inicial de um projecto de investigação sobre a emigração Portuguesa na região platina – a região do Sul do Brasil, Uruguai e o litoral fluvial argentino — a iniciar no âmbito do programa ELARP (Europe and Latin America Research Program) do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) associado ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE).

Partindo da ideia de que Portugal é historicamente um país de emigração, procura-se mostrar como, de entre a diversidade de destinos extra-europeus dos emigrantes portugueses – África, Ásia, Austrália e América—, existem regiões que têm sido pouco estudadas e estão hoje quase esquecidas. Uma delas é a região platina, onde, não só há um grande desconhecimento sobre o tipo de migrante português, como se sabe pouco sobre a influência portuguesa nas culturas nacionais e regionais que aí se desenvolveram. Essa emigração permaneceu, em larga medida ‘invisível’ e no futuro pode desaparecer tendo em conta que já não existe um fluxo migratório de Portugal para a região platina. Este é um motivo que faz com que o estudo da imigração portuguesa na região platina seja mais importante ainda para que se possa ter elementos para reconstruir uma memória colectiva.

Através de um levantamento preliminar de informações relativas aos fluxos migratórios e à presença portuguesa nas várias regiões em estudo, propõem-se algumas hipóteses relativas aos factores que podem explicar essa invisibilidade, designadamente por referência aos modelos de incorporação dos emigrantes nos contextos sociais de acolhimento.

A proposta de investigação que aqui se descreve procura assim dar um contributo inicial para o desenvolvimento de uma área largamente ignorada no âmbito dos estudos sobre a emigração portuguesa, bem como para a compreensão de novas dinâmicas migratórias que mais recentemente se vêm gerando a partir dessas zonas do mundo. Neste sentido, vai se desenvolver a ideia de uma imigração de retorno, sobretudo dos luso-descendentes, que procuram na Europa natal dos pais e avós um melhor futuro do que aquele que os países de origem tem para oferecer, actualmente, e como consequência das crises.

**Breve resumo do projecto**

O objectivo de apresentar o nosso projecto, *Do Fado ao Tango*, tem como propósito gerar alguma discussão e sobretudo receber críticas e comentários que vão ser de utilidade no desenvolvimento do mesmo. Os dois objectivos principais deste projecto são:

a-) analisar o conjunto de condições que enquadraram a emigração Portuguesa para a região platina desde fins do Século XIX e no Século XX, incluindo políticas de emigração e imigração tanto do país de origem como os de destino, os contextos de emigração-imigração, e as redes de emigração.

b-) construir um retrato estatístico e sociológico das comunidades emigrantes portuguesas existentes na região, já que têm sido negligenciadas em termos de estudo e análise científica, em especial as comunidades na Argentina e Uruguai. Este objectivo tem duas dimensões:

i) reconstruir os padrões sócio-demográficos e profissionais (composição social, origem territorial e distribuição, mobilidade social e geográfica, estrutura familiar, etc).

ii) investigar as identidades socioculturais e trajectórias de vida de emigrantes, incluindo a de alguns lusodescendentes (práticas culturais, língua portuguesa, redes sociais e associativismo, relação com Portugal e com outras comunidades portuguesas ou emigrantes na região, valores e identidades, estratégias de integração, etc.)

O modelo metodológico proposto é misto, já que visa conciliar a análise documental e estatística que inclui leis e políticas de imigração, séries estatísticas de imigração, séries estatísticas das comunidades luso-descendentes nos países da região platina, um inquérito às associações de emigrantes na região, complementado com estudos de casos aprofundados baseados em histórias de vida.

## **Emigração Portuguesa**

A emigração portuguesa, o que hoje já se denomina diáspora portuguesa, é muito antiga e alcança relevância numérica desde os descobrimentos. Num primeiro momento foi motivada pela conquista e em seguida pela colonização dos territórios. Este era sem dúvida um movimento com vista à construção de um império, o império colonial português, e que teve como contrapartida a concorrência com um projecto semelhante de império por parte de Espanha.

Esta concorrência leva mesmo à fundação de Colónia do Sacramento em terras actualmente do Uruguai, nesta cidade que hoje nos acolhe. Neste sentido, a emigração e ocupação do território platino pelos portugueses é de facto muito antiga. O Século XIX, que foi o século da independência das colónias espanholas, é marcado por uma guerra entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio de la Plata (Argentina), desencadeada pela ocupação luso-brasileira do território uruguaio, nesse momento designado como Banda Oriental ou Província Cisplatina, dependendo da posição que se adopte. A guerra acabou com a formação dum país novo e independente, Uruguai. De qualquer forma, a presença e influência luso-brasileira sempre foi forte, sobretudo nas áreas fronteiriças.

Avançando já no século XIX, os países da América vão entrar em concorrência pelos imigrantes. Assim, Brasil e Argentina, e também Canadá e os Estados Unidos, são os países da América que têm interesses de povoamento e, conseqüentemente, claras políticas de imigração, sobretudo para captar os imigrantes dos países europeus. No caso dos países do cone sul, Argentina e Brasil vão tentar atrair imigrantes. As realidades nacionais eram diferentes: o interesse do Brasil era substituir a mão-de-obra escrava devido à iminente abolição da escravatura, enquanto a Argentina tinha por objectivo povoar o território. No entanto, ambos países partilhavam a ideia de melhorar a raça com os imigrantes europeus.

A emigração portuguesa foi historicamente direccionada maioritariamente para o Brasil, e só a partir de 1950 é que isto muda para centrar-se em destinos intra-europeus, mas não significa que a emigração para o Brasil terminasse. Neste sentido o Brasil tem tido sempre um interesse especial. No caso dos outros dois países da região platina, Argentina e Uruguai, pode afirmar-se que a emigração portuguesa acabou ou teve uma redução significativa a partir dessa data.

### **A imigração para a Argentina, Brasil e Uruguai**

Vários autores fazem referência a diferentes tendências migratórias na região. Em geral, podemos afirmar que primeiramente estes países promoveram a imigração, recrutando activamente na Europa os futuros imigrantes. Como consequência desta acção de recrutamento, estes países constituíram-se como os países de América Latina que mais imigrantes europeus receberam, tanto em número como em proporção (Kritz and Gurak:1979). O recrutamento na Europa, especificamente, relaciona-se com concepções sobre as diferenças entre as raças e povos, acreditando na superioridade dos europeus, especialmente dos povos nórdicos (Juan Bautista Alberdi em várias obras; Padilla 1998) mesmo que eles não optassem por emigrar para a América Latina.

A imigração também tem sido relacionada com o desenvolvimento económico e industrial destes países. A mão-de-obra nacional existente, nos fins do século XIX e princípios do século XX, não era suficiente para conseguir não só o povoamento do território, ainda muito incipiente nas pampas do sul, as terras dos gaúchos, mas também a industrialização. Neste caso, também os países da região platina apresentam como característica semelhante a alta incorporação dos emigrantes europeus nas cidades e nas novas indústrias (Smith 1969, Holloway 1978). Importa, contudo, assinalar que outros países com abundante mão de obra nacional não precisaram da imigração para iniciar o desenvolvimento industrial, como foi o caso do México (Balan citado por Kritz and Gurak:1979). Uma outra característica importante da emigração europeia e especificamente portuguesa para a região platina é que, diferentemente do que aconteceu noutros países latino-americanos, onde a chegada de imigrantes decresceu ou acabou com a crise internacional de 1930, na Argentina, Brasil e Uruguai a emigração não diminuiu, pelo contrário possibilitou sim a consolidação da unificação familiar como estratégia de consolidar a vaga de emigração maioritariamente masculina, anteriormente verificada.

Foi só nos anos 1950 quando a emigração europeia, onde se enquadra a emigração portuguesa, como já assinalado, mostra uma clara tendência decrescente ou mesmo a

desaparecer, com a exceção do Brasil, que como referido anteriormente, ainda perdurou como país de destino para os portugueses. Um elemento explicativo desta corrente migratória pode ser a guerra civil espanhola, o Salazarismo em Portugal e Mussolini na Itália. Estudos qualitativos (Moura 2004, Sanchez Cordero e Stein 2003) recentes sobre as possíveis correntes portuguesas migratórias, assinala que ainda após os anos 50, portugueses chegaram à região (nestes casos a cidade de Escobar, em Buenos Aires assim também como a Cidade de Comodoro Rivadavia na Patagônia). Entre os factores que explicam a tardia chegada de mais imigrantes portugueses pode destacar-se a existência de mulheres que vinham ao encontro dos maridos já estabelecidos, bem como a presença de muitos jovens e famílias que fugiam à obrigatoriedade do serviço militar que os levava a lutar nas guerras de independência em África. Algumas histórias de vidas disponíveis (Moura 2004) também parecem indicar que poucos portugueses chegaram à Argentina provenientes de África após o fim da guerra colonial e a consequente independência das novas nações africanas. Não deixa de ser interessante que algumas destas histórias mencionem a existência duma “carta de chamada”, como documento importante para assegurar a entrada no país, testemunhando também que a partir dos anos 50, se desenvolvem restrições à entrada dos imigrantes, ao contrário do que se verificava anteriormente.

Além das histórias de vida, dados estatísticos do Brasil (ver tabela 1) indicam também um incremento da entrada de portugueses no Brasil nos anos 1970, e se bem que alguns acreditem que esta intensificação foi consequência da “forte instabilidade político-social que se registou em Portugal após o 25 de Abril de 1974” (Geoideia II: 2002, pp. 158), não pode ser a única explicação. Sem rejeitar esta hipótese, proponho uma outra explicação, sugerindo que muitos dos portugueses fossem provenientes igualmente das ex-colónias e que por diferentes motivos não queriam voltar a Portugal, tendo, como consequência, optado pelo Brasil. Um facto que sustenta esta hipótese é que se compararmos os dados de imigração do IBGE e os dados de emigração portuguesa, ambos fazem referência a e/imigração de portugueses para o Brasil, mas as discrepâncias são enormes para o período 1975-1980, sendo a diferença de mais de 20.000 portugueses. O IBGE reporta 23.046 e as estatísticas da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas mencionam 2.161.

A partir dos anos 50, os movimentos e fluxos migratórios mudam radicalmente na América Latina. Os trabalhadores mais qualificados dirigem-se aos Estados Unidos e aos países industrializados por um lado, e por outro, a imigração passa a ser intra-região. Além desta situação partilhada pela maioria dos países de América Latina incluindo os países da região platina, estes países de modo particular vão sofrer um outro movimento migratório de raízes políticas, quase forçado, que é a saída dos exilados políticos, maioritariamente muito qualificados, por causa das ditaduras.

Uma última tendência, ainda pouco estudada nos estudos das migrações, diz respeito à emigração de retorno, sobretudo a dos descendentes. Devido às constantes crises sobretudo económicas dos últimos anos, muitos dos descendentes de europeus que possuem passaportes comunitários começaram um movimento de imigração para a Europa a tentar melhor sorte e futuro. Segundo o relato do Cônsul português em Montevidéu, a crise tem levado a que exista um grande “interesse dos filhos e netos de portugueses pelas suas

origens, mas movidos sobretudo por razões económicas”. Na descrição da comunidade lusa no Uruguai, o Cônsul apontou que a emigração portuguesa se trata de uma emigração antiga e por isso “são numerosos os casos de luso-descendentes que já perderam o direito à nacionalidade”. Mesmo assim, os pedidos de nacionalidade aumentaram consideravelmente, “passaram de 37 em 2000, para cerca de 110 em 2001, culminando em 230 em 2002, que foi um ano de forte instabilidade financeira em que o Uruguai esteve à beira do colapso bancário e o desemprego superou 19%. Em 2003 assistiu-se a uma maior estabilidade, e assim os pedidos de nacionalidade baixaram para cerca de 180” (Informação obtida em consulta com o Cônsul português em Uruguai, Fevereiro 2004). Uma situação similar vem-se verificando no caso de Argentina, onde o Consulado Argentino em Lisboa tem recebido um número crescente de inscrições de Luso-Argentinos. Em referência ao Brasil, a emigração dos brasileiros tem aumentado sem dúvida (Padilla 2003), sendo esta mais generalizada e abrangente que a emigração de retorno.

Em resumo, a própria situação da Europa (sobre-população, guerras, crise mundial, reconstrução pós-guerra) em conjunto com a situação existente nos países da região platina (interesse em receber imigrantes europeus, necessidade de mão-de-obra, vontade de povoamento do território e industrialização) somado às políticas de imigração estabelecidas pelos governos de Argentina, Uruguai e Brasil e o recrutamento activo de imigrantes europeus, levou a que os fluxos migratórios fossem tão significativos.

As Tabelas 1, 2, 3 e 4 fornecem informação sobre a comunidade imigrante portuguesa nos três países de referência. As fontes e as dificuldades de obtenção de dados fazem com que a informação resumida nas tabelas seja de diferente índole, mas de qualquer forma, servem para descrever numericamente os imigrantes portugueses chegados a terras platinas.

**Tabela 1**  
**Brasil - Entrada de Imigrantes 1884-1984**

Anos	Total Imigrantes	Imigr. Português	% Imigr. Portugueses
1884-1890	449934	91489	20.3
1891-1900	1129315	202429	17.9
1901-1910	671351	218193	32.5
1911-1920	797744	321507	40.3
1921-1930	840215	286772	34.1
1931-1940	288607	95740	33.2
1941-1950	131128	48606	37.1
1951-1960	588043	239945	40.8
1961-1970	163967	62737	38.3
1971-1980	78091	26915	34.5
1971-1975	39408	3869	<b>9.8</b>
1976-1980	38683	23046	<b>59.6</b>
1981-1984	11976	3438	28.7
<b>Total</b>	<b>5150371</b>	<b>1597771</b>	<b>31.0</b>

Fonte: IBGE, *Anuários Estatísticos*, *Elaboração própria*

**Tabela 2**  
**Emigração Portuguesa para a Argentina 1910-1950**

Ano	Imigrantes (N)	% Algarve	% Guarda
1910s	1175	44.8	33.3
1920s	15249	31.1	26.7
1930s	4747	24.9	24.4
1940s	3486	40.6	20.8
1950s	7521	34.2	22.5
Total	<b>32178</b>	33	25

*Fonte: Borges 1997, elaboração própria*

**Tabela 3**  
**Portugueses na Argentina 1914-1991**

Censo Ano	Imigrantes Portugueses
1914	14143 11629 Homens / 2514 Mulheres
1960	28611
1980	20740
1991	13285

*Fonte: INDEC, elaboração própria*

**Tabela 4**  
**Emigração Portuguesa a Uruguai**

Ano	Total	Homens	Mulheres
Montevideu 1889	535	452	83
Censo 1908	636	540	96

*Fonte: gentileza Raquel Pollero, elaboração própria*

Da Tabela 1 podemos concluir que se verificou, historicamente, uma forte emigração portuguesa para o Brasil. As estatísticas indicam uma média de 31% entre os anos 1884 e 1984, ou seja que dos diferentes grupos de imigração, os portugueses representavam mais que 30%. Informação complementar aponta que, geograficamente, os portugueses se estabeleceram essencialmente, nas regiões do Rio de Janeiro e São Paulo, seguida da região do Sul. Nesta região Sul, que inclui os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e é parte da região platina, sabemos também que as comunidades italiana e alemã foram numericamente importantes. A Tabela 2, que resume a emigração portuguesa na Argentina, não contém dados anteriores a 1910, e segundo Borges, foi só a partir de 1914 que as estatísticas portuguesas discriminam a Argentina como destino, desta forma em anos anteriores a emigração portuguesa é invisível até para os portugueses. A tabela resume também a informação disponível, mas há anos para os quais não existe informação detalhada sobre a emissão de passaportes como são 1943, 1923, 1924 e 1928, por isto estima-se que a emigração portuguesa tenha sido superior. A Tabela 3 resume os dados provenientes de Censos Nacionais, e resume dados diferentes aos da Tabela 2. Segundo esta Tabela, o número maior de portugueses viveu na Argentina nos anos 1960.

A Tabela 4 é a mais pobre em dados, mas também ilustra a invisibilidade dos portugueses. A partir da segunda metade do Século XX, os portugueses não aparecem discriminados nos

censos (1963, 1975, 1985 e 1996), estando incluídos na categoria ‘outros Europeus’. Por isto não foi possível produzir uma série estatística mais extensa. De qualquer forma, os dados existentes permitem vislumbrar como característica dominante a importante presença masculina e a reduzidíssima presença feminina, característica fundamental da emigração portuguesa para a região platina. A falta de dados estatísticos no Uruguai também tem sido mencionada por Petruccelli (1979) e Rial Roade (1980). Estes autores mencionam a falta de dados fiáveis e a dificuldade que isto significa para o estudos dos movimentos migratórios.

### **As comunidades lusas na Região Platina**

Devido ao facto de a emigração portuguesa na região ser bastante antiga, como já se indicou, hoje não é uma tarefa fácil a sua caracterização, especialmente no Uruguai e Argentina. Segundo os dados do censo brasileiro de 1991, a maioria dos portugueses vive nos tradicionais estados de Rio de Janeiro e São Paulo, mas a seguir a estes estados, os estados do sul do Brasil que são parte da região platina, são os estados que têm mais portugueses, tanto nacionalizados brasileiros como também não nacionalizados. Os dados também permitem concluir que a maioria mora nas cidades, é uma população predominantemente masculina e maioritariamente tem mantido a nacionalidade portuguesa.

As comunidades lusas do Uruguai e Argentina são mais difíceis de caracterizar com a informação disponível a longa distância e nem sempre discriminada nos censos. Segundo os consulados, a comunidade luso-argentina é de aproximadamente entre 12.500 a 14.000 portugueses nativos, chegando aos 30.000 cidadãos contando com os descendentes. A comunidade luso-uruguaia é de aproximadamente de 1.100 pessoas de primeira, segunda e terceira geração. Segundo a informação do consulado, encontram-se muito integrados na sociedade local.

### **Tese da invisibilidade**

Se bem que este trabalho tem tentado mostrar a importância e significância da imigração portuguesa na região, a verdade é que os números não são sempre como muito expressivos. Mesmo no caso do Brasil, onde a imigração portuguesa foi mais representativa, comparando com outros grupos de imigrantes (italianos, alemães, espanhóis, japoneses), pode vir a perder importância.

No caso do Brasil, a imigração portuguesa tornou-se invisível por três motivos. Um deles refere-se à necessidade de o Brasil construir a sua própria identidade nacional após a independência e por isso se terem evidenciado crescentes tensões entre brasileiros e portugueses nativos, não só em questões económicas e políticas como também em aspectos étnicos, culturais e raciais (Bieber 1998). A mesma autora lembra como depois da abdicação de Pedro I, o Brasil vive uma vaga de movimentos anti-portugueses (Bieber 1998: 50). Valença também descreve a existência dum sentimento anti-português no Brasil após a independência.

Um segundo motivo que explica a invisibilidade da imigração portuguesa, tese válida sobretudo para os estados do Sul do Brasil que são parte da denominada região platina,

baseia-se na importância dada a outros grupos de imigrantes de línguas europeias. Os italianos e alemães foram muito bem recebidos e organizaram-se em colónias, o que não aconteceu com os portugueses. Perante a relevância e expressividade em número e em domínio de vários campos dos imigrantes italianos e alemães, os imigrantes portugueses perdem notoriedade. Como já mencionado anteriormente, o governo brasileiro promoveu a imigração, o que fez com que muitos imigrantes beneficiassem dos subsídios e apoios de viagens. Contudo esse não foi o caso dos portugueses. Segundo Klein (1991), os portugueses emigraram, na grande maioria, de forma independente e não organizada quer pelo estado brasileiro, pelas companhias transatlânticas ou mesmo pelos proprietários das explorações de café. Neste sentido, a imigração portuguesa foi sempre maioritariamente urbana mesmo que existissem também portugueses donos de terras e explorações agrícolas, como Klein também mostra no seu artigo. Mas o facto de terem emigrado em forma independente e mais aventureira, fez com que se dispersassem mais e organizassem menos no Sul do Brasil. Bak (2000) faz referência à existência duma política tácita de dar emprego só a europeus porque contavam com um “good European racial stock”. Contudo, as referências étnicas específicas são relativas aos italianos, alemães e até espanhóis, não incluindo os portugueses como parte desta classe de boa raça. Esta autora faz referência à existência de comunidades étnicas imigrantes em Porto Alegre, por exemplo, mencionando os italianos e alemães como trabalhadores activos e sindicalizados, como donos das indústrias e depois como os fundadores e líderes dos diferentes sindicatos. Os portugueses são sempre muito pouco mencionados e sempre com carácter mais dependente. Até as publicações eram feitas em italiano ou alemão e muito raramente em português mesmo que fosse a língua nacional, e só no começo do século XX os discursos e os boletins informativos dos sindicatos de Porto Alegre passaram a ser bilingues, incluindo o português.

Uma terceira hipótese, mesmo que ligada às anteriores, é que o sangue português e a cultura portuguesa já estava e era parte do Brasil, daí a necessidade e interesse de trazer sangue e religião nova para formar um novo Brasil, significava trazer sangue europeu não português. No Sul do Brasil também é reconhecida a presença açoriana, sobretudo em Santa Catarina, mas esta presença parece ter uma característica especial que se isola do português. Assim segundo Pascele Lacerda (2003) a identidade açoriana torna-se mais forte que a própria identidade portuguesa e parece reclamar uma legitimidade diferente da portuguesa. Até se fala duma diáspora açoriana como se fosse diferente da portuguesa. Desta forma os contributos portugueses são menos valorizados e considerados, sobre tudo no Sul do Brasil. Aí, como se mostrou, valorizam-se mais os elementos alemães e italianos, e até açorianos e assim uma vez mais, os portugueses são invisíveis em relação aos outros grupos de imigrantes.

Historicamente existiram várias demonstrações de sentimento anti-português que fizeram com que ao longo do tempo o elemento português fosse esquecido ou pelo menos minimizado. Uma destas manifestações de sentimento anti-português aconteceu no Rio de Janeiro, na época da hiperinflação nos anos 1890s liderada pelos denominados Jacobinos (ultra nacionalistas) que culpavam os portugueses, nesse momento donos da maioria do comércio de retalho, dos altos preços locais. Ao contrário dos outros imigrantes subsidiados, como os italianos e japoneses, os portugueses dirigiram-se para as cidades

onde existiam mais oportunidades e também onde se tornavam mais visíveis. Hahner (1976) chama a este sentimento e confronto “lusofobia”, e na sua opinião a lusofobia no fim do Século XIX e início do Século XX foi o resultado duma conjugação de circunstâncias: a posição comercial e económica dos portugueses nas cidades que dominavam especialmente o comércio a retalho, a situação de inflação e a instabilidade duma república incipiente que podia voltar a ser uma monarquia. Estes factores reforçaram o sentimento anti-português após independência.

O sentimento anti-português no Brasil pode ser comparado com o sentimento anti-espanhol na Argentina, baseado nas correntes ideológicas que culpavam o catolicismo do atraso económico, social e político das antigas metrópoles. DeLaney (1997) citando Romero refere-se especificamente aos espanhóis como “incapazes de estabelecer uma república, quer na América quer em Espanha”. Na época os imigrantes desejados eram os imigrantes da Europa protestante porque possuíam as “qualidades necessárias para construir uma nação próspera, democrática e guiada pelos princípios do Iluminismo” (DeLaney 1997). O tema da religião católica tornou-se importante para desqualificar portugueses e espanhóis, sobretudo nos territórios que cada um tinha colonizado.

Além do mais, as teorias de modernização das elites brasileiras baseavam-se no racismo científico, daí a necessidade de promover a imigração europeia para conseguir o branqueamento (Mitchell 1999) ou mestiçagem dos negros com os europeus. O pensamento argentino não falava directamente de branqueamento, já que a abolição da escravatura tinha acontecido no início do Século XIX, mas sim da necessidade de “fomentar a imigração europeia como meio de regenerar a nossa sociedade”, segundo afirmou Mitre nos Debates em 1852, mais tarde Presidente argentino. No caso argentino, o negro não era considerado um problema, mas sim o gaúcho considerado parte da raça argentina, por assim dizer. No contexto de promoção da imigração, a própria Constituição Nacional de 1853 consagra igualdade de direitos para todos os habitantes, o que significa argentinos e estrangeiros, resumindo a ideologia da época. Esta ideologia aberta à imigração gerou uma certa animosidade entre os argentinos nativos, brancos e negros, e os imigrantes que receberam apoio à chegada e durante os primeiros tempos (Andrews:1979). Nesses anos a concorrência era dura tanto no emprego como na habitação e a ajuda oficial de certeza deu um apoio importante nos momentos de chegada. A recepção oficial por outro lado, não significou que os imigrantes não passassem momentos difíceis. É de destacar que a abertura à imigração, que já vinha dos primeiros governos nacionais do Século XIX, foi institucionalizada com a denominada lei Avellaneda (1874), e só nos fins do século XIX e princípios do XX é que a imigração se tornou massiva, uma vez que as condições do país, tanto sociais como políticas e económicas melhoraram e a Argentina vislumbrava-se como potência.

Na sua tese de doutoramento, Marcelo Borges indica como os jornais locais do Algarve faziam referência aos altos salários na Argentina, como sendo muito competitivos. Assim Borges conta como em Outubro de 1911, ‘ O Algarve ‘ noticiou as promissoras possibilidades para aqueles emigrantes portugueses que decidiram ir para a Argentina. Devido a um incidente diplomático entre a Itália e a Argentina – explicou o jornal – a emigração italiana para a Argentina foi suspensa. Consequentemente o jornal sugeria que

os trabalhadores agricultores portugueses talvez preferissem a Argentina para emigrar e para trabalhar durante os 4 meses de Novembro de 1911 a Março de 1912 já que os salários seriam muito superiores aos do último ano (Borges 1997).

Igualmente outros autores coincidem ao referir que a Argentina era atractiva para os imigrantes porque os salários eram mais elevados que os salários na Itália ou na Espanha (Cortes Conde citado por Brown 1986). Além do mais, os imigrantes conseguiram atingir mais mobilidade social que os *criollos* ou nativos devido aos preconceitos existentes nas elites locais (contra estes últimos). Assim, a grande maioria da força de trabalho tanto qualificada como não qualificada (mais do 80%), era composta por imigrantes (segundo Walters citado por Brown 1986). As elites argentinas preferiam os europeus do norte (escandinavos e anglo-saxões) mas tiveram que acabar por aceitar os italianos e espanhóis. Mas mesmo nesse caso a preferência era pelos imigrantes do norte da Itália e da Espanha, remetendo-se os sicilianos e andaluzes, do sul, a uma posição inferior. Estes autores não dizem nada especificamente dos portugueses, mas muito possivelmente seriam considerados mais perto dos andaluzes, especialmente tendo em conta que a maioria dos portugueses provinham do Algarve (Borges 1997) ou que muitos portugueses emigraram ilegalmente com passaportes espanhóis (Hahner 1976).

No caso da Argentina e Uruguai a invisibilidade da imigração portuguesa deve-se sobretudo a um desequilíbrio numérico. Foram tantos os italianos e espanhóis que chegaram que os portugueses passaram mais despercebidos. A sua imigração não foi massiva, mas de qualquer modo eles organizaram clubes e centros culturais para manter a cultura e a sua presença sentiu-se de forma mais organizada desde a década de 1910. O Clube português de Buenos Aires que funciona até hoje, criado em 1918, é a instituição portuguesa mais antiga do país. Enquanto no Uruguai, além da importância dos números relativos às diversas comunidades de imigrantes, existe um outro factor que tem contribuído para manter a invisibilidade dos portugueses. Muitos deles moravam na fronteira entre Brasil e Uruguai, e segundo as actas matrimoniais das paróquias, muitos portugueses casavam na região, mas o facto de morarem em regiões fronteiriças fez com que se tornassem invisíveis e, ao longo do tempo, perderam o direito à nacionalidade (comentários de Raquel Pollero e do Cônsul Português no Uruguai).

Finalmente um factor que contribui para a invisibilidade foi a forte pressão do Estado em assimilar ou incorporar os imigrantes ao projecto nacional. A imigração massiva trazia consigo a renovação ou substituição de muita população, o que fazia com que os governos nacionais tentassem homogeneizar a diversidade de elementos vindos por um lado, e incorporá-los o mais rápido possível como membros da sociedade “argentina”. Por isso a seguir aos grupos que rejeitavam os latinos e católicos (*Generación del 37, Generación del 80*), surgiu uma geração nacionalista que via nos valores católicos e da “latinidade”, ou “conservação dos valores da latinidade”, uma forma de continuação dos valores raciais argentinos-coloniais. O que era preciso fazer para fomentar esta incorporação ou integração, era educar aos filhos dos imigrantes, ou seja inculcar neles amor pela nação e entendimento pelas tradições argentinas. Deste modo, as escolas públicas transformar-se-iam no coração da cidadania (Rojas citado por DeLaney 1997). O projecto “La

*Restauración Nacionalista*” de Ricardo Rojas foi financiado pelo Ministério da Educação da Nação.

### **Emigração Portuguesa e Redes Sociais**

Uma característica dos portugueses no estrangeiro tem sido criar instituições sociais e culturais, e até muitas vezes com fins mais diversificados e de beneficência. No caso da região platina, a Tabela 5 resume a informação disponível. Claramente, o Brasil tem a maior representatividade de colectividades portuguesas na região, mas esta influência vê-se reduzida se olharmos só para a região platina. Entretanto a lista das associações portuguesas na Argentina indica que a maioria está concentrada na região platina, Buenos Aires e litoral. No caso de Uruguai, as duas associações existentes estão localizadas em Montevideo, existindo uma comunidade portuguesa dispersa noutras cidades, mas de forma não organizada.

**Tabela 5**  
**Associações e Clubes Portugueses na Região Platina**

<b>País</b>	<b>Nível Nacional</b>	<b>Região Platina</b>
Argentina	23	13
Brasil	137	32
Uruguai	2	2
Total	162	57

*Fonte: Secretaria das Comunidades Portuguesas, elaboração própria*

A emigração portuguesa diferencia-se de outras comunidades de emigrantes por ter recebido menos subsídios e apoio dos governos. Mesmo assim, a comunidade portuguesa espalhou-se pela região platina optando por uma estratégia de redes, sobretudo a emigração algarvia. De acordo com Borges, as redes podiam ser de familiares, conhecidos, vizinhos e profissões ou ofícios. No capítulo 4 da tese, ele afirma que “as redes sociais que sustentavam este padrão de migração era baseado na cooperação entre os membros da família e conhecidos da aldeia, mas também a partilha ofício/negócio particular. A emigração algarvia além-mar, e particularmente para a Argentina emergiu como uma escolha alternativa devido a importantes alterações nos transportes, vantagens comparativas no mercado além-mar, aumento do conhecimento entre os potenciais emigrantes, e a construção de redes primárias de assistência e cooperação. Nos inícios do Século XX, muitos algarvios possivelmente exerceram a profissão de motorista dos trolleys de Buenos Aires, como em vagas anteriores de emigração, exerceram a profissão de marinheiros, dedicando-se à navegação de cabotagem fluvial.

Se é certo que as redes favoreciam a emigração, existiam contudo outros factores que contribuíam para o aumento ou diminuição dos fluxos migratórios num contexto internacional de interdependência. É o caso do papel das políticas locais que fomentavam ou desencorajavam a emigração. O Brasil no início do Século XX decidiu proibir a entrada

de pescadores acabando por desalentar a emigração algarvia. Os Estados Unidos estabeleceram quotas limitando assim a entrada dos portugueses, e como consequência estes optaram pela Argentina, que continuava como destino de preferência por causa dos altos salários, sobre tudo entre 1910 e 1930. A Argentina só vai incluir restrições à imigração nos anos 1930, estabelecendo como requisito de imigração a presença de familiares imigrantes que garantissem o sustento (Borges 1997). Consequentemente, a combinação das políticas de imigração dos diferentes países concorrentes (Brasil, Estados Unidos e Argentina, neste caso) e a existência de redes familiares de apoio vão possibilitar a emigração durante os anos 1940 e 1950. Uma grande maioria dos emigrantes portugueses representa processos de reunificação familiar. A forma de “provar” que alguém seria economicamente responsável pelo imigrante conhece-se como ‘Carta de Chamada’. Segundo estudos qualitativos, foi assim que muitas mulheres fizeram parte duma vaga de emigração mais tardia, representado as esposas e filhas. O sistema de reunificação familiar, como já foi referido, reforçou o sistema de redes de migração e reforçou ainda mais os casamentos entre portugueses, muitos dos quais voltavam à terra para contrair matrimónio. Por isso, segundo alguns estudos qualitativos (Patagónia Mosaic), é possível verificar uma vaga de emigração portuguesa que recorreu à utilização de Cartas de Chamada, sobretudo entre os anos 1950 e 1960.

Como mencionado anteriormente, a Argentina introduziu, mesmo que mais tarde que os outros países, restrições à imigração. No entanto, alguns autores mencionam o facto de a imigração não ter acabado. Quem não tivesse possibilidades de conseguir uma carta de chamada, optava por outros meios. Aparentemente alguns portugueses entraram ainda a través do Uruguai (porto de Montevideo) ou do Brasil, já que as fronteiras com os países vizinhos eram mais permeáveis que o Porto de Buenos Aires. Uma vez no país de destino desejado, as redes funcionavam para dar apoio (Borges 1997).

## **Conclusão**

A modo de conclusão, apresenta-se este quadro que resume as características da imigração portuguesa a região platina, onde se verifica que algumas características são comuns e outras não. O quadro tenta ser um primeiro elemento de análise para o projecto a iniciar brevemente. Para não ser redundante relativamente à informação já apresentada, sustemos a tese da invisibilidade como principal característica da emigração portuguesa para a região, tese que se verifica sobretudo em relação às outras comunidades imigrantes na região platina.

**Quadro 1 – Características Principais da Emigração Portuguesa à Região Platina**

Emigração a...	Características
<b>Brasil</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Fluxo histórico constante (colonização, ouro, necessidade mão de obra no café, expansão território após independência, aventureiros)</li> <li>▪ 1920-1950 Regime de exceção para portugueses às quotas imigratórias</li> <li>▪ 1976-1980 Instabilidade sócio-política após o 25 de Abril</li> <li>▪ Associativismo Português (sociedades de beneficência e acção social, desde sindicatos a hospitais)</li> <li>▪ Maioritária do Noroeste de Portugal, também dos Açores</li> <li>▪ Maioritariamente urbana</li> <li>▪ Também proprietários fazendas importantes (usualmente não reconhecido)</li> <li>▪ Masculina, menos famílias e mulheres, mais adultos (a imigração mais masculina de todas)</li> <li>▪ Altamente co-étnica, muitos casamento entre co-étnicos</li> <li>▪ Emigração em redes familiares e de amizades, não subsidiada</li> <li>▪ Formalmente nunca acabou, mas diminuiu nos anos 80s</li> <li>▪ Comunidade portuguesa de mais de 300.000 no 1991, Lusa e Luso-descendentes 700.000</li> </ul>
<b>Uruguai</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raízes antigas e geo-estratégicas com Colónia do Sacramento</li> <li>▪ Ilustra rivalidade colonial entre Portugal e Espanha (até os registos das igrejas eram reclamados por ambos)</li> <li>▪ Emigração caracterizada pela alta integração</li> <li>▪ Acabou nos 70 ou antes</li> <li>▪ Entre 1100 e 1200 portugueses, 10,000 lusodescendentes</li> <li>▪ Muitos sem direito a nacionalidade</li> <li>▪ Luso-descendentes solicitaram nacionalidade devido a crise económica</li> <li>▪ Origem: ainda sem dados</li> </ul>
<b>Argentina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Acabou nos anos 50, mas também chegam alguns nos anos 1960s e 1970s</li> <li>▪ Maioritariamente Algarvia, também da Guarda, o resto tem origens muito diversas, Norte; Porto, Bragança, Leiria</li> <li>▪ Argentina era concorrência com o Brasil como destino (salários altos)</li> <li>▪ Portugueses entre 12,500 e 14,000 (estimados)</li> <li>▪ Luso-descendentes 30,000</li> <li>▪ Clube Português, jovens e Associação da Mulher Emigrante</li> </ul>

## Referencias

- Borges, Marcelo. 1997. "Portuguese in Two Worlds: A Historical Study of Migration from Algarve to Argentina." *Unpublished Ph.D. Dissertation. Rutgers University.*
- Brown, Jonathan. 1986. "The Bondage of Old Habits in Nineteenth Century Argentina". *Latin American Research Review*. Vol. 21, N° 2, pp. 3-31.
- Bustanza, Juan Ant3nio. *Historia 5. Instituciones Pol3ticas y Sociales Argentina y Am3rica Latina*. Buenos Aires: A-Z Editora.
- DeLaney, Jeane. 1997. "National Identity, Nationhood and Immigration in Argentina: 1810-1930." *Stanford Electronic Humanities Review*. Vol. 5, N° 2.
- GEOIDEIA Estudos de Organiza3o e do Territ3rio Ltda. 2002. "Os Movimentos Migrat3rios Externos e sua Incid3ncia no Mercado de Trabalho." Lisboa: GEOIDEIA.
- Girbal-Blacha, Noemi. "La Pol3tica de Inmigraci3n del Estado Argentino (1830-1930). De la inmigraci3n a las migraciones internas." <http://www.argiropolis.com.ar/Girbal/Inmigratoria.htm>
- Hahner, June. 1976. "Jacobinos versus Galegos: Urban Radicals versus Portuguese Immigrants in Rio de Janeiro in the 1890s." *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Vol 18, N° 2, pp 125-154.
- Holloway, Thomas. 1978. "Creating a Reserve Army? The Immigration Program of Sao Paulo 1886-1930." *International Migration Review*. Vol 12, N°2, pp. 187-209.
- Klein, Herbert. 1991. "The Social and Economic Integration of Portuguese Immigrants in Brazil in the Late Nineteenth and Twentieth Century." *Journal of Latin American Studies*. Vol. 23, N° 2, pp. 309-337.
- Kritz, Mary and Douglas Gurak. 1979. "International Migration Trends in Latin America: Research and Data Survey." *International Migration Review*. Vol. 13 N° 3, pp. 407-427.
- Morner, Magnus. "The History of Race Relations in Latin America: Some Comments on the State of Research". *Latin American Research Review*. Vol. 1 N° 3, pp. 17-44.
- Moura, Fernando. 2004. "Na Di3spora. Lusitanos na Argentina" Trabalho n3o publicado.
- Padilla, Beatriz. 1998. "In Brazil, racism does not exist. O negro conhece o seu lugar:

Historical Perspective of Ideologies Minimizing the Black Movement”. Paper Presented at the *UIUC Conference on African and African Diasporic Issues*, University of Illinois at Urbana-Champaign, February 21, 1998.

----- 2003. “New Immigration Flows: Comparing Forms and Answers in the Old and New Worlds.” Paper presented at the 8<sup>th</sup> *International Metropolis Conference on Gaining from Migration – A Global Perspective on Opportunities for Economic and Social Prosperity*, Vienna, September 2003.

Petrucelli, José Luís. 1979. “Consequences of Uruguayan Emigration: Research Note. *International Migration Review*. Vol. 13, N° 3, pp. 519-526.

Rial Roade, Juan. 1980. “Sources for the Studies of Historical Demography in Uruguay (1728-1860).” *Latin American Research Review*. Vol. 15, N° 2, pp. 180-200.

Sanchez Cordero, Jazmin and David Stein. *Migration*. Patagonia Mosaic. Virtual Museum and Resource Center.

<http://deila.dickinson.edu/patagonia/en/museum/migration/>

Smith, T. 1969. “Studies of Colonization and Settlement. *Latin American Research Review*. Vol. 4, N° 1, pp. 93-123.

Solberg, Carl. 1969. “Immigration and Urban Social Problems in Argentina and Chile, 1890-1914.” *The Hispanic American Historical Review*. Vol 49 N°2, pp. 215-232.

Torres, Susana. Unpublished Ph.D. Dissertation. Rutgers University.

Valença, Márcio. Patron-Client Relation and Politics in Brasil. An Historical Overview. <http://www.lse.ac.uk/collections/geographyAndEnvironment/pdf/rp58.pdf>

Zimmerman, Eduardo. 1992. Racial Ideas and Social Reform: Argentina, 1890-1916. *Hispanic American Historical Review*. Vol. 72, N° 1, pp. 23-46.